

EXISTE UM CAPITALISMO CULTURAL? REFLEXÕES SOBRE O REALISMO CAPITALISTA DE MARK FISHER

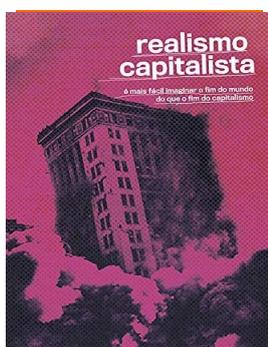
Is there a “Cultural Capitalism”? Reflections on Mark Fisher’s Capitalism Realism

Leandro Oltramari 

Doutor em Ciências Humanas pelo
Programa de Pós-graduação Interdisciplinar
em Ciências Humanas da Universidade
Federal de Santa Catarina – UFSC
Florianópolis, SC, Brasil
leandro.oltramari@ufsc.br

<https://orcid.org/0000-0002-9610-0502> 

A lista completa com informações do autor está no final da resenha 



FISHER, Mark. **Realismo Capitalista**: é mais fácil o fim do mundo do que o fim do capitalismo. São Paulo: Autonomia literária, 2020. 137. E-book.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo. Neoliberalismo. Realismo Capitalista.

KEYWORDS: Capitalism; Neoliberalism; Capitalist Realism

Existe possibilidade de superação do capitalismo? Ou seria essa a ordem mundial que em um vértice sem fim levaria ao fim de si própria? São essas algumas das provocações que Mark Fisher nos traz em sua obra *Realismo Capitalista: É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* Mark Fisher morreu prematuramente em 2017, com apenas 48 anos, nos deixando inquietantes reflexões como essas.

Mark Fisher¹ desempenhou diversas funções. Ele foi filósofo, professor do departamento de cultura visual da Universidade de Londres, mas também foi um teórico e crítico cultural, além de ter um famoso blog intitulado “K-punk”, no qual discutia várias questões entre política e cultura. Marxista e anticapitalista, teve reconhecimento principalmente a partir da obra aqui resenhada, que foi publicada originalmente em 2009 e traduzida para o português somente em 2020.

Nessa obra, Fisher discute algo muito inquietante: seria o capitalismo uma realidade intransponível inclusive aos nossos sentidos? É possível que exista um “capitalismo cultural” bem ao contrário do que disseminou aquele escritor falecido em 2022 muito difundido pela extrema direita brasileira, que defendia que existiria um “marxismo cultural”?

A obra contém doze capítulos com títulos bastante curiosos, dentre eles: *Tudo que é sólido se desmancha em relações públicas: stalinismo de mercado e antiprodução burocrática* e *Como matar um zumbi: elaborando estratégias para o fim do neoliberalismo*. Sim, é isso mesmo! O autor traz conceitos como *stalinismo de mercado* e chama o neoliberalismo de zumbi. Ele apresenta uma liberdade intelectual muito interessante e bem adequada ao seu meio de estudo, a cultura. A sua análise parte disso: como o capitalismo se apresenta espalhado pela cultura, em suas mais diversas instâncias, desde a sua produção até o seu consumo. E, segundo ele, esse é um dos elementos mais estruturantes deste sentimento de que o capitalismo é intransponível como sistema produtivo e econômico.

Partindo de filmes, músicas e artefatos culturais das mais diversas ordens, como o famoso *Big Brother*, Fisher emprega seus argumentos e constrói entendimentos sobre os conceitos. O tempo todo, apresenta reflexões sobre como o capitalismo povoa o imaginário das populações que não conseguem perceber as armadilhas existentes nesse “realismo capitalista”, que traz em si um rumo ao seu próprio fim. Para ele, isso se dá de diversas formas, inclusive com o argumento de que elementos culturais diversos se transformam em

¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Mark_Fisher

valores monetários. Segundo o autor, isso acontece tanto nas religiões quanto nos livros de Karl Marx.

Conforme Mark Fisher, aquilo que ele aponta como “realismo” se estruturaria como uma incapacidade dos seres humanos que vivem sob esse sistema de terem uma possibilidade qualquer de “esperançar” sobre outra possibilidade de vida, no que se refere ao sistema econômico e ao sistema político. Ele compara a incapacidade de esperançar a um quadro de uma pessoa depressiva. Talvez sua analogia não seja à toa, já que ele próprio tinha um quadro depressivo e sua morte foi em decorrência de suicídio.

Seu texto é denso. Apesar de trazer muitos elementos da cultura pop, suas analogias com autores das mais variadas correntes filosóficas são amplas. Ele vai transitando através do pensamento de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Karl Marx, Jacques Derrida, Jean Baudrillard, Fredric Jameson, Jacques Lacan e Slavoj Žižec, entre outros. Isso talvez provoque, em leitores mais “fiéis” a determinados autores, algum tipo de desconforto. Mas esse é um detalhe que parece não preocupar Fisher. Ele apresenta argumentos, costurando as discussões de cultura pop, capitalismo, subjetividade, política e sistemas produtivos de uma forma bastante orgânica e que não se prende a uma linha teórica específica, a não ser uma discussão coerente com os seus argumentos.

A sua grande tese é sobre a importância de uma cultura que mexe profundamente com a capacidade subjetiva que os seres humanos têm de vivenciar o capitalismo como capítulo final e irreduzível das perspectivas econômicas – e conseqüentemente políticas – de futuro e que adensam nosso imaginário. Além da cultura pop, Fisher vai trazendo elementos históricos como o fim melancólico da Greve dos Mineiros de 1984-1985, que para ele reforçou no Reino Unido o sentimento de vitória do neoliberalismo para sedimentar de forma consistente o que ele chama de realismo capitalista. Isso aconteceu, segundo ele, devido à sensação de incapacidade de reorganização trabalhista após esse evento, protagonizado pela famosa “Dama de Ferro”, Margaret Thatcher e seu liberalismo econômico.

O autor – talvez pela sua própria condição existencial – dá importante lugar ao sofrimento psíquico e sua relação direta com o capitalismo e suas formas de atribuir esse sentimento exclusivamente àquele que o sente. Isso não é necessariamente uma novidade: obras de Deleuze e Guattari (1995) já problematizaram essas discussões em sua coleção *Capitalismo e Esquizofrenia*. Mas Fisher o faz trazendo elementos bastante assertivos sobre a discussão, como na citação abaixo:

A 'epidemia de doença mental' nas sociedades capitalistas deveria sugerir que, ao invés de ser o único sistema que funciona, o capitalismo é inerentemente disfuncional, e o custo para que ele pareça funcionar é demasiado alto. (Fisher, 2020, p 19-20)

Infelizmente, por não ser exatamente de sua área, suas reflexões são pontos de partida importantes, mas que carecem de elementos científicos e dados que possam comprová-los.

Seus argumentos são empiricamente fáceis de identificar: atualmente se tem cada vez mais intensa a sensação de que o trabalho invade o espaço doméstico, e de uma percepção pessoal deficitária de rendimento. Essa sensação com certeza ficou ainda mais forte depois de mais de dois anos de pandemia de Covid-19, para aquelas pessoas que trabalharam remotamente. O autor faz sua análise a partir do trabalho dos professores. Como docente que foi, ele identifica tanto a necessidade de alto rendimento dos professores como o "pragmatismo" das necessidades dos estudantes. Em provocações interessantes ao mundo acadêmico do realismo capitalista, ele diz que muitas vezes um estudante quer compreender o conhecimento de Nietzsche como quem come um hambúrguer em algum *fast food*, sem uma compreensão mínima do papel do consumo na relação que a pessoa estabelece inclusive com a forma de se alimentar.

Assim pode-se dizer que Fisher tem um certo ceticismo quanto ao papel das universidades e quanto às *Think Tanks*, estas grandes incubadoras de formação política financiadas por conglomerados econômicos que ajudaram a disseminar a suposta ideia de vanguarda intelectual a todos aqueles que defendem o neoliberalismo. Essas fomentadoras da chamada liberdade econômica disseminam o pensamento mágico de que através do próprio esforço qualquer um consegue alcançar ganhos econômicos altos independentemente das condições que possua. Esta talvez seja uma das grandes fantasias do neoliberalismo, criar a falsa condição de que tudo é possível, inclusive o impossível. O sofrimento psíquico, segundo Fisher, será inevitável.

Outro componente interessante que ele aborda é sobre o hibridismo político que entrelaça neoliberalismo e neoconservadorismo, os quais, para o autor, "trabalharam em parceria para minar a esfera pública e a democracia, ao produzir um cidadão governado que busca soluções para seus problemas em mercadorias, não em processos políticos." (Fisher, 2020, p. 57).

Em parte, essa ideia híbrida pode ser pensada a partir do fomento das *Think Tanks* que oportunizaram um avançado processo de exploração econômica e de fragilização das

democracias. Fisher menciona que a internet, nesse sentido, foi muito próspera e importante para esse processo, principalmente pela criação de espaços que o senso comum tem chamado de “bolhas”, devido a suas formas de juntar pessoas por meio dos seus algoritmos. É interessante pensar que de alguma forma seria possível a explicação desse princípio a partir da ideia de *realidade social* do fenomenólogo social Alfred Schutz e o compartilhamento de significados existentes entre determinados grupos sociais, e como ela se baseia nas experiências de sentido cotidianas.

Mas o que realmente impressiona na discussão de Fisher é sua forma de abordar a perspectiva de compreender a quase inoperância do chamado pensamento de “esquerda” em contrapor possibilidades de utopias possíveis que deem a condição de superação do realismo capitalista. Para ele, as esquerdas ficaram presas ao que ele identifica como “as políticas do fracasso”. Ele aponta essas questões sem aprofundá-las e em uma posição ambígua: por um lado, condena a dominação do Estado pelo liberalismo e isso aparece como algo intransponível e, por outro lado, clama uma saída possível dessa situação.

No fim, ele aponta a superação do capitalismo com um certo niilismo. A ideia de que não há saída está presente. Não que ele perceba isso a partir das qualidades do sistema, mas de sua capacidade de ocupar subjetividades e relações políticas em muitas instâncias.

Por último, é primoroso o posfácio de Victor Marques, professor da Universidade do ABC e Rodrigo Gonsalves, psicanalista. Eles contextualizam a obra, assim como o autor e suas ideias, de maneira muito instigante. É quase uma resenha, no fim da própria obra. Isso qualifica ainda mais o texto de Fisher.

Assim, percebo o livro como importante, desafiador, mas realmente pouco esperançoso. Ele pode contribuir para reflexões em muitos níveis, desde a psicologia, passando pelas ciências sociais e econômicas, mas, como se trata de um ensaio, deixa mais janelas abertas do que propostas concretas. Por último vale apontar ainda uma citação do posfácio que dá o clima da obra: "O neoliberalismo persiste por inércia – em pé mesmo morto, como um zumbi" (p. 112). Talvez seja simbólico, mas nas séries de zumbis na TV, aqueles que são mordidos também se tornam mortos-vivos. Será essa a nossa sina? Aguardaremos.

REFERÊNCIAS:

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

SCHUTZ, Alfred. **El Problema de la Realidad Social.** 2.ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1995. (trabalho original publicado em 1962).

NOTAS

Leandro Castro Oltramari

Doutor em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, SC, Brasil
Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Psicologia, Florianópolis, Brasil

E-mail: leandro.oltramari@ufsc.br

<https://orcid.org/0000-0002-9610-0502>

Endereço de correspondência do principal autor
Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFH
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Campus Universitário - Trindade
CEP 88040-970 - Florianópolis, SC
Bloco F - 5º andar

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

Concepção e elaboração do manuscrito: L. C. Oltramari,

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Não se aplica

FINANCIAMENTO

Não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Javier Ignacio Vernal e Silmara Cimbalista

HISTÓRICO

Recebido em: 21-03-2022 – Aprovado em: 06-04-2022 – Publicado em: 11-04-2022

